

INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL NO ABRIGO MUNICIPAL NOVOS HORIZONTES: ANÁLISE INSTITUCIONAL, ESCUTA IMPLICADA, E O NAVEGAR NO IMPOSSÍVEL

Introdução

O presente trabalho deriva de uma pesquisa-intervenção desenvolvida no Abrigo Municipal Novos Horizontes (ANH), em Gravataí/RS, equipamento público de acolhimento institucional voltado a adultos e famílias em situação de rua. O serviço integra a rede de proteção social de alta complexidade e opera no cruzamento entre o cuidado e o controle, o acolhimento e a normatização, abrigando também as contradições e tensões próprias da política pública de assistência social.

A vivência nas ruas, entendida não apenas como ausência de moradia, mas como ruptura de vínculos, invisibilidade e estigma social, revela-se como uma das expressões mais radicais da desigualdade. Nesse contexto, a atuação da Psicologia requer ultrapassar a dimensão individual da escuta, articulando-se à crítica institucional e à defesa dos direitos humanos.

A partir da análise institucional (Barembli, 2002; Lourau, 1993; Enriquez, 1990), buscou-se compreender como se organizam, se repetem e se transformam as práticas do cotidiano do abrigo, reconhecendo-o como um campo de forças em que o instituído e o instituinte se confrontam, abrindo brechas de criação no interior da estrutura.

Método

A metodologia adotada foi a da pesquisa-intervenção, sustentada pela análise institucional e pela implicação dos pesquisadores no campo. O trabalho se desenvolveu entre setembro e outubro de 2025, por meio de inserção no cotidiano do abrigo, observação participante, diários de campo e rodas de conversa com os trabalhadores.

O processo revelou a necessidade de nomear o modo de escuta que se produzia: uma “escuta implicada”. O pesquisador, em vez de buscar neutralidade, se permitiu ser atravessado pela experiência institucional, funcionando como uma pequena usina que destila, em seu próprio corpo, as contradições e afetos coletivos. Assim, os sentimentos de impotência e desesperança vividos pela equipe também tomaram os pesquisadores, revelando o que Barembli define como análise de implicação.

Esse movimento permitiu reconhecer que o que se manifestava nos afetos da equipe de pesquisa era o mesmo que atravessava os trabalhadores do abrigo. Foi no momento em que um servidor disse “nossa trabalho é como enxugar gelo” que o campo se abriu: essa frase tornou-se o analisador institucional por excelência, condensando o mal-estar compartilhado.

Análise das Intervenções

A partir das rodas de conversa e devolutivas, observou-se a coexistência de dois subsistemas institucionais: o Grupo Vermelho e o Grupo Azul. O primeiro operava a partir de um olhar crítico, intelectualizado, que reconhece as limitações do sistema, mas se ancora na ética do dever. O segundo expressava desejo de participação e maior abertura ao diálogo, sustentando o trabalho na experiência compartilhada e no fazer cotidiano.

Ambos, contudo, partilhavam o mesmo real: o sentimento de repetição, a precariedade das condições e a invisibilidade do próprio trabalho. O significante “enxugar gelo” emergiu como expressão simbólica desse real institucional. Sua força residia no modo como condensava a sensação de fazer sem ver o efeito, de cuidar sem garantir transformação.

Durante o processo interventivo, esse significante foi trabalhado coletivamente e transformado no “barco furado”. A nova imagem simbólica, construída em grupo, não nega a precariedade, mas reinscreve nela o sentido ético do trabalho. No barco furado há fenda, mas há travessia; há água entrando, mas também mãos lançando baldes. O barco não é metáfora de falha, mas de resistência: no impossível de tapar o furo, sustenta-se o desejo de continuar remando.

Discussão

A escuta implicada permitiu compreender que a instituição abriga não apenas corpos, mas discursos, silêncios e repetições. O pesquisador, implicado, torna-se analisador, captando o que Enriquez chamaría de “movimentos subterrâneos da vida psíquica das organizações”, onde se misturam ideal, cansaço e esperança.

Ferenczi (1932), ao propor a clínica da mutualidade e do testemunho, inspira essa postura horizontal: escutar o sofrimento do outro sem desmenti-lo, reconhecendo a vulnerabilidade compartilhada. Nesse sentido, a intervenção se aproxima da ética freireana do diálogo, em que o saber se constrói entre sujeitos que se reconhecem na experiência.

O abrigo, tomado como “lugar de furo” (Lacan), deixa de ser visto como falha do sistema e passa a ser o ponto de emergência do humano: espaço onde o impossível se mostra, onde o real não se cura, mas se atravessa. A análise institucional, então, não busca corrigir a instituição, mas escutá-la e devolvê-la a si mesma em forma de sentido.

Conclusão

A intervenção no Abrigo Municipal Novos Horizontes revelou que a transformação institucional não decorre de reparos técnicos, mas da produção simbólica compartilhada. O deslocamento do significante “enxugar gelo” para “barco furado” marca o ponto em que a palavra restitui dignidade ao fazer, permitindo que os trabalhadores se reconheçam como agentes de resistência e não como sujeitos do fracasso.

O processo mostrou que, ao sustentar a escuta implicada e operar a devolução como espaço de coanálise, é possível abrir brechas no instituído e favorecer o surgimento de práticas instituintes. O “barco furado” torna-se, assim, uma metáfora ética do trabalho social: não um barco que afunda, mas um barco que, mesmo furado, continua salvando vidas.

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL

Graduação em Psicologia

Intervenção Psicossocial

Prof. André Guirland Vieira

Acadêmicos :

Bruno Amaral

Dayon Raupp Dias

Diego Magalhães

Wagner Oliveira Dias



Referências
 Barembli, G. (2002). Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari.
 Enriquez, E. (1990). Da horda ao Estado: Psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Zahar.
 Lourau, R. (1993). A análise institucional. Petrópolis: Vozes.
 Ferenczi, S. (1932). Confissão de línguas entre os adultos e a criança.
 Lacan, J. (1966). Ecris. Paris: Seuil.